

A MODA NA DÉCADA DE 70 - ABORDAGEM DA REVISTA MANEQUIM

Sabrina Soledad Gongora Picolli¹
José Mario Martinez Ruiz²

RESUMO: Nessa pesquisa, procurou-se estudar a moda dos anos de 1970, através da revista “Manequim”. Sabemos que desde de 1964, ano do golpe militar, o Brasil estava sob o governo ditatorial militar; por isso, evidenciou-se que os anos da década de 1970 coincidiram com uma parte da história política nacional, onde a sociedade vivia sob um regime anti-democrático. Nesse período, a repressão era constante em várias esferas do mundo social e cultural: partidos entram para a clandestinidade e o cinema, televisão, música, entre outros, sofrem com a censura. Nesse cenário de repressão e censura, as revistas de moda eram transmissoras das últimas tendências de uma moda industrial, prática, democrática e individualista. A revista “Manequim” demonstra parte desse ideal moderno, com as mulheres buscando referências de elegância em estilistas internacionais que reproduziam a praticidade desejada pelas mulheres dos grandes centros urbanos brasileiros. Essa pesquisa vem colaborar para a elaboração de um material de história da moda no Brasil. Para seu desenvolvimento, utilizou-se de pesquisa realizada por meio de coleta e catalogação das informações das revistas Manequim (publicada na década de setenta), leituras e fichamentos teóricos da bibliografia específica do período. Foi a partir desse procedimento que se chegou às seguintes considerações: a moda desejada pela revista “Manequim” visava ao conforto, à praticidade, à versatilidade e a feminilidade; para isso, sugeria às leitoras os cortes retos, severos e perfeitos. Esse padrão desejado pela revista estava em conformidade com um novo ideal feminino: a mulher executiva que estava surgindo no mercado de trabalho. O sexo feminino apresentava o desejo de independência e gostos mais “parecidos” com o sexo masculino, a moda refletia tal ideal através do corte, formas e estilos das roupas, mas também sinalizava para a feminilidade através do realce dos quadris. Dessa maneira, ocorreu uma redefinição da silhueta. As revistas apontam para um novo ideal feminino que consumia cada vez mais, pois ocupava cargos e ganhava visibilidade nos centros urbanos, fazendo crescer a produção industrial do vestuário. Vários modelos e estilos foram adotados por essa “nova mulher”, como as várias versões “tailleur” e “chemisier”, básicos e clássicos, assim como resgates de influências do estilo oriental e camponês tiveram forte impacto na moda do período em tela. Com base nos dados levantados e na análise do contexto histórico dos anos de 1970, notaram-se profundas transformações em termos culturais, políticos e de gênero, proporcionando a recuperação da memória da moda adotada no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: moda, década de 1970, revista “Manequim”

FASHION IN THE 70'S – “MANEQUIM” MAGAZINE APPROACH

ABSTRACT: This research has tried to study the clothes fashion in the 70's by taking “Manequim” magazine, a popular fashion magazine then. Since 1964, the year of the military coup, Brazil had been under a dictatorial military government, and the 70's coincided with a period in the national political history in which society lived under a non-democratic regime. During this period, repression was a constant in many areas of the cultural and social world: political parties were banned, and the cinema, television, and music suffered with the censorship imposed. Within this scenario of repression and censorship, fashion magazines were the conveyors of the latest tendencies of a fashion that was industrial, practical, democratic and individualist. “Manequim” magazine represented part of this modern ideal, when women were searching for reference in elegance in international fashion designers, who reproduced the practicality desired by women in the big Brazilian urban centers. Therefore, this research aims at contributing to the compilation of a more comprehensive material about the history of fashion in Brazil. Data from “Manequim” magazines published in the 70's was collected and catalogued, as well as the reading and recording of the bibliography specified in the period. By doing so, we arrived at the following considerations: the fashion described by “Manequim” magazine aimed at comfort, practicality, versatility and femininity, and thus, it suggested to readers cuts that were straight, severe and perfect. This standard described by the magazine was in conformity with the new feminine ideal: the executive women who were appearing in the work market. Women demonstrated a desire for independence and tastes “similar” to men's that were reflected on the cuts, shapes and styles, but that also

signaled to femininity by highlighting the hips. As a consequence, there was a redefinition of the silhouette. The magazines pointed at a new feminine ideal that consumed more and more as women took up new positions and gained visibility in the urban centers, and increasing clothes' industrial production. Many styles and models were adopted by this "new woman" with many versions of suits, blouses, casuals and classics, as well as the retrieval of influences such as the oriental and the peasants that had a strong impact on the fashion of the period on the screen. Based on the data collected and the analysis of the 70's historical context, it was noted the profound transformations in cultural, political and gender terms, which helps the recovery of the memory of fashion adopted in Brazil.

KEYWORDS: fashion; the 70's; "Manequim" magazine

1. A década de setenta - contexto histórico

A partir de 1964, ano do golpe militar, instaurou-se no Brasil o regime ditatorial. Por isso, os anos estudados nessa pesquisa, anos de 1970, coincidem com esse momento da história política nacional, momento em que a sociedade vivia sob um cenário anti-democrático. Nesse momento, a repressão era uma constante em várias esferas do mundo social e cultural: partidos entram para a clandestinidade e o cinema, televisão, música, entre outros, sofrem com a censura.

Segundo Pedro, em a *História da Civilização Ocidental*, "a política vigente estava divulgando uma idéia e uma imagem de um país grande, promissor de muita riqueza". "Ninguém segura este país" e o slogan "Brasil: ame-o ou deixe-o" estava espalhado por toda à parte." O tricampeonato estava desempenhando um importante papel na sustentação da imagem do governo. A propaganda maciça pelo rádio, televisão e cinema, conjugada com uma censura implacável, procurava perpetuar uma imagem favorável ao governo", popularizando Médici e escondendo a realidade do falso glamour em que a classe média desfrutava, entre 1968 a 1974, momento em que conhecemos o "milagre econômico" e em que nasce nas mulheres o desejo de serem independentes, aproximando seus gostos aos dos homens, consumindo e exigindo cada vez mais uma moda prática, versátil e individualista. E essa euforia de consumo fez com que a produção industrial do vestuário da época crescesse 9,1%.

Em 15 de março de 1974, assumiram Geisel e seu vice, o general Adalberto Dos Santos, os quais prometiam uma "abertura lenta, gradual e segura". O Brasil começava a mergulhar em uma grave crise econômica, consequência da crise mundial do petróleo e, com ela, a falência do "milagre econômico", resultando em uma época de dificuldades econômicas, caracterizadas pela desaceleração do crescimento, pelo aumento da inflação e pela situação crítica de pagamentos."

A moda no século XX



Murtinho e Valença, senac, 2000, p.269.

Embora o contexto brasileiro ateste um período anti-democrático, conforme mostra Pedro (1997), o universo da moda aparece como industrial, democrático e individualista, como aborda Lipovetsky (1944). Portanto, é possível inferir que tais aspectos revelam um período de antagonismos entre o contexto político e a moda em evidência na revista "Manequim".¹

2. Conforto, praticidade e feminilidade: evidência na revista "Manequim"

Embora o referencial de moda ainda seja Paris, notamos uma preocupação bastante diferente de outros períodos históricos. É possível observar, por exemplo, na abordagem de Needel (ver ano) sobre elite carioca e de Ruiz (1999) sobre a elite paulistana no período da *belle époque* que tal público consumia a moda européia, sem pensar em nenhuma adaptação ao clima. Já a revista "Manequim" procura mostrar que a roupa, nos anos de 1970,

¹ Não queremos dizer com isso que alguns criadores de moda nacional não lutaram contra esse regime, haja vista a atuação de Zuzu Angel no período.

direcionava-se para o conforto de um verão intenso, típico de um país tropical. Tornando-se mais confortável, exigia a escolha de tecidos leves e tons claros, “que dão movimento”, segundo a revista. A modelagem mais ampla era abordada como de suma importância para dar esse tom tropical à moda adotada e Manequim sugeriu às suas leitoras que abusassem “principalmente de vestidos amplos, arejados”. A leitura da obra *O Império do Efêmero*, de Lipoveskty, demonstra que, após a década de sessenta, a moda modificou - se, modificando também a sua distribuição secular do masculino e do feminino; perdendo a sua rigidez austera; ligando - se ao desejo de independência e de expressão das mulheres. O traje masculino entrou definitivamente no ciclo de moda feminino, com o seu imperativo de originalidade e de jogo, integrando-se à fantasia como um de seus parâmetros de base. O vestuário dos dois sexos se põe em dia com a felicidade de massa própria à sociedade de consumo. Segundo Lipoveskty, “a divisão enfática e imperativa no parecer dos sexos se esfuma; a igualdade das condições se prossegue sua obra, pondo fim ao monopólio feminino da moda e ‘masculinizando’ parcialmente o guarda-roupa feminino”. Com listras, sem gola, sem mangas e em diversos cortes, com aplicações de renda, crochê, babados, entre outras aplicações, os trajes trazem a feminilidade e a diferenciação na indumentária feminina.

Modas práticas europeias foram evidenciadas no editorial de moda da revista. A exemplo disso, podemos citar a influência de Saint-Laurent e sua clássica “Saariana” ou “Saharienne” de 1968, que continuou “brilhando com seus tons de areia”. De fato, tratava-se de um estilo que se “adapta ao nosso clima tropical”, como abordou a revista, pois se utilizava o algodão para uma maior comodidade e conforto.

Segundo O'Hara, a Saariana - Sahariense era uma “jaqueta tradicionalmente usada na savana africana ou em safáris, feita de veludo cotelê, algodão pesado ou linho, em geral com acabamento de camurça ou impermeabilização, que sofreu uma remodelagem pelas mãos de Saint-Laurent para a sua coleção primavera/verão de 1969”. (1986, p. 240)

Juntamente com o estilo saariana, não podemos esquecer da “chemisier”, que retornou da reorganização de décadas anteriores e que abordaremos mais adiante.

A mulher moderna começava, no período, a buscar um ideal, um referencial de elegância e, por isso, as peças são reinventadas nas mãos de diversos estilistas, entre eles Saint-Laurent, um dos mais importantes do pós-guerra, como assinalava a revista “Manequim” em suas edições, que transformou o XALE em peça de moda permanente, “resgatando na mulher moderna a sedução, a feminilidade, valorizando o seu corpo e sua indumentária”. O estilista era referenciado com exaltação, pois apresentava

“cortes severos, perfeitos e discretos” (O’ Hara, 1986:242). Ao lermos a definição das categorias das roupas, em Caldas (ANO:PG), Universo da Moda, podemos inferir que os trajes de Saint-Laurent são provenientes de uma categoria retrô e funcionais e que, nesse determinado momento histórico, surgiam direcionados para a mulher *executiva*, elegante, com estilos informais, refletindo o sentimento da época. O’Hara, p.(242).



Revista Manequim, fevereiro de 1975, p.22,23.

A praticidade desejada também é abordada através de roupas outrora associadas aos dias festivos e noites de gala, como é o caso do vestido longo, agora também apropriado para o período diurno. Portanto, não havia mais a idéia de que os vestidos longos eram somente para uma grande festa e feitos de tecidos caros, nobres. A mulher executiva podia estar moderna e confortável com um longo de brim para ir a qualquer lugar.

Podemos inferir que nos anos setenta houve uma quebra de paradigma no que se refere ao uso do

vestidolongo, deixando os mesmos de serem usados pelas mulheres em momentos específicos, tais como, festas, bailes de debutantes e nos desfiles das misses, para fazer parte de um guarda-roupa de uso diário. Embora tenha acontecido essa quebra de paradigma, também não devemos ignorar que tal peça apareceu para o dia muito mais simplificada, sem brilhos e tecidos refinados. Era a essa simplificação que os especialistas em moda da revista atribuíam a praticidade da peça.

Com o fim da moda de 100 anos, ao pesquisarmos a sua significação em Lipovestsky (1944:125), concluímos que era uma moda homogênea, hierárquica, unitária, holista, aristocrática, portanto, sendo uma moda na qual se definia “status”, voltado a Alta Costura sob medida, sem produções em grande escala, sendo produzida apenas para uma elite. Inicia-se a era do *prêt-à-porter* e uma moda muito mais livre, onde “nada mais é proibido, todos os estilos têm direito de cidadania”. A individualização faz com que cada um crie a sua moda, com humor, ironia e irreverência, ecletismo e heterogeneidade”.

Surgia, nesse momento, uma preocupação com a moda para mulheres gordinhas cujo estereótipo não estava nos padrões de beleza, o padrão de miss. Para as gordinhas, a revista traz a solução: elas poderiam

...abusar de um lindo conjunto de linho bordado tornado-se mais romântica. Abusando de camiseta, com uma saia levemente franzida e casaquinho solto, que cobre e disfarça os quadris fortes. Um belo decote “V” e o abotoamento reto, percorridos por passamanaria, num elegante vestido de seda. E, para noite, ela veste um longo de seda rosa, saia movimentada por rendas e nervuras que se abrem só depois dos quadris; e decote combinação. O chemisier em modelos tipos túnicas, vestidos apenas tocam a cintura, para acentuar o franzido, marcar o coulissé e definir uma nova silhueta, tornando o corpo mais leve, mais moldável, mais bonito. (revista “Manequim”, fevereiro, 1975. p.64).

Desse modo, a revista sentencia que as mulheres gordas, apesar de estarem fora dos padrões de beleza vigentes, poderiam também ser elegantes:

...existindo possibilidades nos tamanhos, quilinhos a mais não impedem mulher nenhuma de se mostrar charmosa, elegantíssima. (revista “Manequim”, outubro de 1978, p.42).

O estilo camponês também é fortemente referenciado nessa década. Saint-Laurent permaneceu com este estilo durante toda a década, quando desfilou camponesas em sua coleção. Este é um bom sinal de que os vestidos cheios de sianinha, um tipo de “viezinho”, coloridos, vestidos cheio de babados, com avental curtinho, romântico, estampado de flores miúdas, imitando as cores do campo, permanecem. E Dior traz o estilo camponês em um vestido de flores e do ar dos campos na revista *Manequim* de abril de 1978.

Mesmo não havendo mudanças de estilo, a moda está continuamente inventando novos modelos e se renovando. É a mesma moda na essência, mas é outra na aparência. Como nas flores- sempre as mesmas – que renascem todo ano, em cada primavera, para renovar a natureza. Na moda camponesa, um vestido, uma flor e uma cor (Roberto Marques, “Manequim”, novembro 1977, p.28.)

Nesse estilo camponês, a revista divulga o visual usado, os vestidos de alças e babadinho no decote; bolsos que se encaixam no recorte da saia e pespontos que formam um debrum largo. Roberto Marques faz os comentários:

Podendo abusar de cavas que descem até a altura da pala. São muitos vestidos, leves, próprios para o nosso clima tropical dentro de uma moda camponesa. Saia sobre saia ou túnica sobre saia; vestidos como verdadeiros aventais; roupas amplas como balões cheios de vento; palas altas e franzidas; alças finas ou largas; bolsos chapados ou embutidos; espadrilhas ou sandálias rasas de couro; cores do céu, da terra e das flores. (“Manequim”, novembro de 1977, p.30).

Os ingredientes variavam, mas o princípio era o mesmo: tudo o que lembrava o modo de vestir simples e espontâneo das camponesas estava na moda, ainda com Roberto Marques.

É um pouco do ar puro que invade e renova as cidades. (“Manequim”, novembro, 1977, p.32).

Na moda camponesa, nem sempre as flores ficavam esparsas, “livres como num campo”. Poderiam ficar recolhidas dentro da listra, como num falso “chemisier” em tons de terra: era a blusa de mangas fofas, abotoadas na frente; era a saia de cintinho amarrado no cós e pregas costuradas até os quadris.



Revista Manequim, abril, 1978 e novembro, 1977.

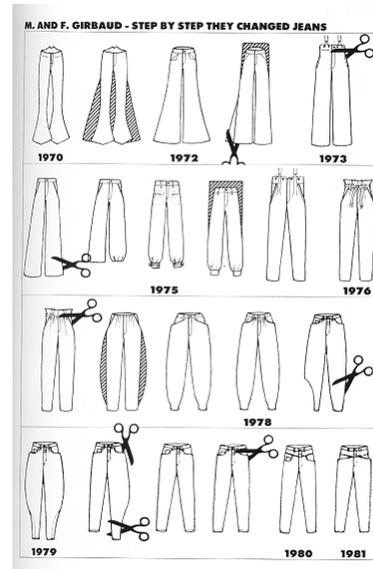
Outra variante da chemisier era assim descrita: em estampa florida eram duas peças: saia com babados, cós abotoado e blusa de golinha rente, mangas bufantes. As vantagens de um modelo assim são muitas, justificava a revista de janeiro de 1978. Tal peça passa por vestido, quando você quer; entra na formação de novos conjuntos, é o clássico, a versatilidade e a praticidade na moda camponesa.

Fazendo elo com o clima tropical, a revista tenta convencer suas leitoras dos referenciais de peças e cores que deveriam ser usados. Dessa maneira, usou o mar como símbolo de tropicalidade.

Inspirado no reconfortante barulho do mar, na cor do mar, em toda a beleza do mar. O azul pode ser clarinho como o céu de setembro, azul profundo, azul acinzentado, azul lavando, enfim o azul que sempre estaremos contemplando. Entretanto, o azul, também foi um marco no decorrer dos anos setenta. Abusando de tecidos macios e procurando uma diversificação em uma modelagem confortável num estilo esportivo e informal. O azul esta em saias curtas ou longas, no jeans, nas diversas calças, nos biquínis e maiôs, nos shorts, na camiseta, na saariana, na chemisier, no blazer. ("Manequim", agosto, 1978, p.28).

Outro modelo de praticidade feminina constantemente exaltado na revista "Manequim", a calça comprida, como desejava a maioria das mulheres, permanecia firme, em sua forma clássica, ou mais curta e afunilada.

Segundo O'Hara ("Enciclopédia da Moda", 1986, p.152) "a forma em mutação dos jeans, de acordo com os Girbaud: desde a boca-de-sino e pernas largas do início da década de 70, passando pelos *peg tops* e tornozelos com punhos de meados da década de 70, até os *baggy* do final da década de 70 e as linhas mais suaves do início da década de 80".



"Enciclopédia da Moda", O'Hara, p. 153.

Não podemos esquecer que o algodão vive o seu apogeu, algodão-algodão, voal, brim, cetim, popelina: "Nada melhor e bonito, econômico e macio do que o algodão" ("Manequim", janeiro, 1976, p.56). O algodão começa também a ser usado na confecção de vestidos longos, quebrando novamente a idéia de que longo precisava ser usado em momentos especiais, fabricado em tecidos nobres, mas que poderia se ser usado na vida de todo o dia, com a mesma esportividade de uma calça comprida ou um vestidinho qualquer. Aparece como referência novamente nas edições de abril 1976 e 1977 e de agosto de 1978.

A moda no plural entra em ação, como aborda Lipovetsky (1944) em sua obra *Império do Efêmero*. Ela veio, a partir dos anos de 1960, com uma vasta diversidade de referencial, na afirmação étnica, na (re) afirmação das conquistas femininas das tribos urbanas. Tais referenciais de elegância incorporados nas criações de "looks" femininos não deixavam de lado a sensualidade, a profundidade, resgatando uma moda ultraversátil, cheia de idéias e diversas opções em decotes, túnicas, golas, fendas em saias; confirmando prognósticos de uma rica diversidade de estilos, no estilo oriental, ocidental, "folk", marroquino.

A diversidade de idéias e de referenciais de elegância nos permite inferir que nesse contexto a moda

plural, abordada pelo teórico Lipovetsky, está sendo confirmada pela revista, pois a versatilidade e diversidade estavam em foco.

O belo da moda, a variabilidade, esse movimento de estilos, essa riqueza de criação, a possibilidade incomum que cada mulher tem agora de escolher, de moda em moda a sua moda, reafirma a nossa hipótese.

Desse modo, nos anos de 1970, entrou na moda a superposição requintada de saia sobre saia, estampa sobre estampa, num modelo de seda, decote preso por tira, todos os decotes possíveis, cintura presa por cordão. Superposições de cores, túnicas fazendo um gênero mais esportivo, mais jovem e mais divertido. Entram em voga as estampas, a variedade de flores, de cores, em todos os tipos de tecidos, podendo ser de seda ou de algodão. Os rosas, babados, franzidos, drapeados e transpassados esvoaçam as cores, abusando das listras, coordenadas e enviesadas. A estética jovem, como expõe Lipovetsky (1944), começa a se sobrepor sobre uma estética de classe e isso fica muito claro nas edições analisadas da revista "Manequim".

Outro fator de suma importância na moda dos anos de 1970 era a multiplicidade de referências existentes como temática de coleções. Dessas temáticas, uma das mais interessantes, abordadas pela revista "Manequim" de abril de 1976, maio de 1976 e retornando na revista "Manequim" de abril de 1977, era a influência orientalista na moda. Logicamente que tal temática está longe de ser inovadora, visto a mesma já ter aparecido nas criações de Paul Poiret na *belle époque*, contudo a forma que esse orientalismo apareceu nos anos setenta foi totalmente diferente da idealizada por Poiret. Assim, vale destacar tais diferenciações.

O estilista da *belle époque* promoveu uma forma de quimono no início da década de 1900, tendo Isadora Duncan como cliente de suas roupas exóticas e vaporosas. Em 1909, ele lançou turbantes, egretes e calças de odalisca, todas inspiradas no Ballet Russo, que despertou grande interesse por roupas da Europa Oriental e do Ocidente. Paul Poiret criou roupas de sedas, brocados, veludos e lame, com cores ousadas e modelagem simples, porém ricas em texturas. Sabemos que, após 1910, houve uma mudança fundamental nas roupas femininas. O fato é que houve uma onda de orientalismo após a extraordinária empolgação causada pela produção de Scheherazade, cujo guarda-roupa foi criado por Leon Bask. As cores eram fortes, até espalhafatosas, e a sociedade as adotou com entusiasmo. Os antigos rosa-claro e "malva desmaido" foram banidos; os corpetes rígidos e saias em forma de sino foram abandonados por drapeados suaves. As saias ficaram mais estreitas na barra e, em 1910, mais ainda, tendo como resultado a saia afunilada, que impedia a mulher de dar passos maiores do que cinco centímetros. Parecia que todas

as mulheres - isso no ano dos protestos das sufragistas - estavam determinadas a ter um aspecto de uma escrava de harém do Oriente. Algumas chegaram a usar calças "do harém", visíveis sob a barra da saia, mas elas provocavam tanta sensação quando usadas na rua que só as mais ousadas persistiram. (Laver, 1899 e O'Hara 1992).

Já nos anos de 1970, tal referencial fez seu retorno, agora de forma diferente como mostra o relato da revista:

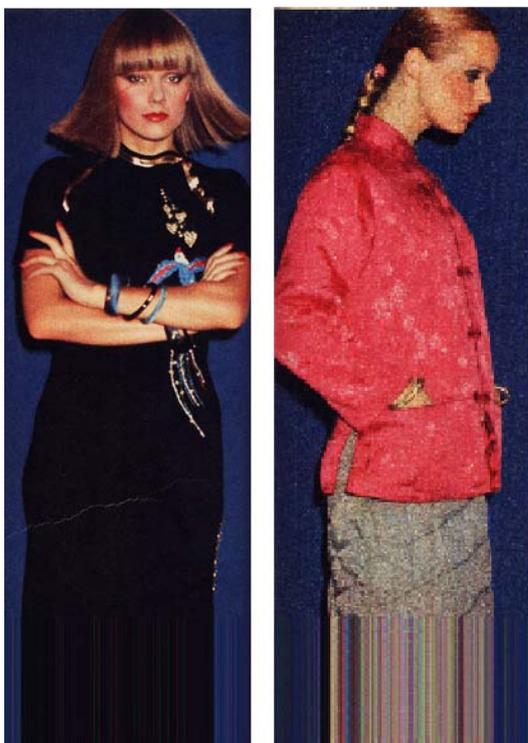
Cedo ou tarde voltaria, a moda a curvar diante do mistério, do luxo e a feminilidade da vestimenta chinesa. E foi o que se deu: passos largos, a China espalhou pelo Ocidente, o brilho de suas sedas e cetins, com uma luz própria, e esplendor. E a personalidade do cetim-seda, do cetim jérsei, do cetim seda, do cetim crepe, e o corte inconfundível de suas túnicas e calças compridas, realizando modelos simples, que voam ao redor do corpo e descem macios, acariciantes. ("Manequim", maio, 1976, p.80).

E a revista continua as descrições sobre comportamento feminino e roupa:

As mulheres orientais são presas aos seus princípios seculares da sociedade em que vive, a mulher chinesa é extremamente discreta no vestir-se. E para muitos, é exatamente neste recato que reside a tão decantada sensualidade oriental. Mas, como a mulher é mulher em qualquer lugar desse mundo, a chinesa, para não trair a regra, resguarda-se em túnicas de golas altas e decotes trespassados...Profundas e sensualíssimas fendas descobrindo as pernas, e de cá pra lá influenciando nos decotes das mulheres ocidentais, que é mais liberta, e tem a sua disposição uma moda ultraversátil, cheia de idéias e opções diferentes. E, se apenas vez por outra abre fendas em suas saias, ela usa e abusa de decotes ousados, cheios de charme, o que imita bustiês, e o supersexy tomara que caia. Mas a moda oriental, não influencia apenas nos decotes, vem também na clássica chemisier quando vem em uma túnica retilínea, livre de preconceitos: em vermelho tomate com amarela gema na túnica e calça oriental, o cirê, aquele cetim encerado,

glaceado, que promete ser mais um trunfo. Há uma forte tendência para os motivos de ar oriental caxemira, em cores suaves, serenas. O cetim, em fitas largas, se encarrega de debruair tudo. (Revista Manequim, janeiro, 1976, p. 60-62.).

A revista, ao fazer a associação entre comportamento das mulheres orientais que era identificado como sedutor e de sua moda igualmente sedutora, procurava recuperar ou alertar para um aspecto que parecia ser amedrontador nos anos de 1970: a masculinização da mulher. E procurando agregar dois valores a essa moda orientalista: a sensualidade, argumento fundamental para a satisfação do gênero masculino e a praticidade das roupas simples, que davam a sensação de liberdade, ideal para mulheres que atuavam no mercado de trabalho.



Revista "Manequim", abril, 1976.

O "chemisier" era constantemente referenciado na revista como um ícone de praticidade e elegância. Por isso, torna-se necessário recuperar o histórico dessa peça e fazer distinção com a usada nos anos de 1970.

No início do século XX, era a forma de camisa íntima. Com o decorrer do tempo, foi adaptada por muitos estilistas, entre os quais Coco Chanel, que foi uma das primeiras a criar vestidos "chemisier", peças simples, soltas, com mangas compridas e com um cinto amarrado sobre o busto, na cintura ou em volta dos quadris. Outros estilistas, tais como Lavin, Paquin e Worth, também criaram vestidos

"chemisier".

Na década de 50, um vestido solto baseado na camisa íntima apareceu nas coleções de Balenciaga. E foi também no decorrer dessa década que Dior lançou um vestido "chemisier" sem cinto, com a gola afastada do pescoço e bolsos chapados, dando preferência ao preto, ao azul marinho e ao branco. E a elegância indiscutível de suas linhas e estruturas esculpidas influenciaram as estéticas femininas e estilistas durante décadas. (O'Hara, 1986).

A "chemisier" chegou aos anos setenta consagrando-se como uma peça clássica. Obtivemos a certeza dessa consagração quando vimos que nunca saiu de moda, ou melhor, a moda nunca abandonou o chemisier. Ela foi capaz de permanecer no guarda-roupa por mais de uma estação. E para a mulher moderna, não existe nada mais prático ou tão versátil quanto o insuperável "chemisier". Essa peça, nos anos de 1970, ganhou franzidos, babados, cores, estampas, flores, listras e, principalmente, a amplidão. Nesse contexto, como abordava a revista "Manequim", para não perder terreno, preferiu perder pano e o chemisier estava em todas as formas e modelagens. Afinou novamente, para fazer a linha fluída, ganhou franzidos mínimos partindo da pala, interrompidos apenas pelo cinto largo ou estreito. E quando o "chemisier" torna-se assunto, não pode faltar a sua versão clássica, um modelo base do chamado vestido camisa-gola esportiva, com abotoamento em "patte", prega funda, bolso pespontado.

O chemisier também sofreu a influência oriental, com ares da China, gola durinha estilo Mao, cavas caídas, mangas largas e bolsos faca, forrando a gola e a "patte", tecido liso, no tom dos botões. Apareceu, ainda, em versões muito simples, com um toque novo, um detalhe marcante, uma echarpe voando no pescoço, um bustiê aparecendo por baixo, um lenço atando os quadris; alguns botões esquecidos de abotoar. E, ao mesmo tempo da sua metamorfose chinesa, traz consigo um estilo uniformizado, militar.

O "chemisier" entra na regra geral da moda: a amplidão. Às vezes com um cinto leve, recolhendo o franzido saído do decote e dos ombros. Ou, ainda, um lastex na cintura e nos punhos, como no novo "chemisier" de cavas enormes, feito de seda mole e de algodão macio, provando que a moda ama tudo solto.

Sendo amado e vai a moda e vem a moda e ele continua usado pelas mulheres ("Manequim", maio 1976, p.40).

A razão é fácil de entender, pois "chemisier" tem modelos práticos, cômodos na vida diária, e que sempre vestem bem. São eles os vestidos inteiros, com recorte na pala, ou simplesmente abotoados; o conjunto de saia e blusa; o

vestido de alças; o “chemisier” de seda; o chemisier trancado a zíper; o chemisier com abotoamento na frente e muitos bolsos, o “chemisier” entre todos, o preferido. Suas formas longas ou justinhas, mais parecem um minivestido e, em camisão, para ser usado cortado com o algodão e usar com “jeans”, com um cinto embutido em forma de túnica, e de mangas curtas no simples “chemisier”. Enfim, a vida do eterno, clássico chemisier de poás, de listrinhas de algodão, avivados pelos acessórios, iluminados pela gola e punhos de fustão imaculadamente branco, o “chemisier” é um vestido especial, podendo ser feito tanto em seda, crepe, como brim e “jeans”. Sabemos que o “chemisier” tornou-se a roupa básica, em qualquer momento, em qualquer clima. Muda-se o tecido do mais precioso ao mais simples, mas mantém-se inalterada a elegância, a praticidade, a versatilidade desse modelo único, consagrado eterno trunfo.



Revista “Manequim”, maio,1976, p.41.



Revista “Manequim”, abril, 1977, p.25.

O rufo influencia a moda nas golas pierrô, quando aparece em modelos na revista da edição de abril, 1978. Foi como uma forma inconsciente das mulheres demonstrarem o seu poder almejado. Segundo Laver, o rufo é um exemplo do elemento ‘hierárquico’ nas roupas. As mulheres também o usavam, mas no traje feminino há sempre outro elemento a ser notado. O ‘princípio da sedução’, como foi chamado, é uma tentativa de explorar os encantos femininos de quem usa a roupa, como, por exemplo, o decote. As mulheres desejavam usar um rufo para mostrar o seu *status* na sociedade: queriam também ser atraentes como mulheres.” E muitas outras golas vieram juntamente com a pierrô, a “collorete”, gola embabada A maneira dos pierrôs, a gravatinha, acessório eleito do ano e a gola laço.

A revista “Manequim” de março de 1979 mostra o surgimento de uma nova tendência, que vai ser reforçada nos anos 80. A reaparição dos cintos, às vezes, bastante largos, deu novo toque à silhueta feminina, adquirindo novas linhas, dando continuidade à velha amplidão, porém com linhas mais afuniladas, mais geométricas. Após um período de roupas largas, panos à vontade, a mulher faz questão de ter novas formas, curvas, cinturinha de vespa, apertada por cintos largos. Surge uma mulher saudosa do próprio corpo e nada mais apropriado que um corselete de couro, de tapeçaria colorida e de napa mole, para colocar a sua cintura no devido lugar.

E, para finalizarmos, não podemos esquecer de uma das principais peças femininas que permaneceram durante todo o período dos anos 70: o “tailleur”. Segundo O’Hara (1986:262), é o “tailleur” um “... costume composto de casaco e saia que se tornou popular a partir da segunda metade do século XIX.” Pode ser usado em vários modelos: transpassados, com casaquinho em corte reto, com saquinho mais acinturado, com cinto incrustado, com bolsos embutidos nas laterais, na versão do famoso costureiro francês, Givenchy, ou até em lâzinha quadriculada no “tailleur” Dior.

Permaneceu como peça símbolo da moda verão 79/80, revista “Manequim”, agosto, 1979.



Revista “Manequim”, junho, 1978,p.33 e 48.

3 - CONCLUSÃO

Neste trabalho, pesquisamos as influências da moda no Brasil da década de 1970, através da revista “Manequim”. Esse contexto foi marcado por um regime ditatorial, anti- democrático, em que o governo militar manteve sob censura a televisão, o rádio e a imprensa. Contudo, a moda revela um caráter individualista e democrático.

Permaneceram em grande evidência no período os “chemisier”, “tailleurs” e a saarianas. Essas peças eram práticas, versáteis, femininas e confortáveis, apropriadas para o clima tropical e a mulher moderna.

E os estilos oriental e camponês prevaleceram quase durante toda a década. O estilo oriental sob um ar de mistério, luxúria e sensualidade, porém simples e prático, adaptado à mulher ocidental.

O camponês, sob a influência de Yves Saint Laurent, romântico, com as mais diversas cores e estampas florais, aparecia resgatando os ares do campo.

Salienta- se que uma das grandes dificuldades na elaboração deste trabalho prendeu- se à bibliografia. Poucos são os materiais disponíveis sobre o assunto.

Ao final deste trabalho, conclui - se que a moda brasileira no período analisada foi fortemente influenciada pela moda européia. Contudo, refletia sempre uma constante busca da mulher pelo seu espaço no mercado de trabalho, na família, na sociedade.

REFERÊNCIAS

REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, março, 1970.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, abril, 1972
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, outubro, 1973.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, abril, 1974.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, outubro, 1974.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, fevereiro, 1975.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, abril, 1975.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, setembro, 1975.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, dezembro, 1975.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, janeiro, 1976, ano XVII, nº 193.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, fevereiro, 1976, ano XVII, nº 194.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, abril, 1976, ano XVII, nº 196.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, maio, 1976, ano XVII, nº 197.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, novembro, 1976, ano XVII, nº 203.

REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, janeiro, 1977.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, fevereiro, 1977.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, abril, 1977, ano XVIII, nº 208.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, novembro, 1977.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, janeiro, 1978, ano XIX, nº 222.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, abril, 1978, ano XIX, nº 220.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, junho, 1978.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, agosto, 1978, ano XIX, nº 224.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, outubro, 1978, ano XIX, nº 226.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, março, 1979, ano XX, nº 231.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, agosto, 1979, ano XX, nº 236.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril setembro, 1979, ano XX, nº 237.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, janeiro, 1980, ano XXI, nº 241.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, março, 1980, ano XXI, nº 243.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, maio, 1980, ano XXI, nº 245.
REVISTA MANEQUIM. São Paulo: Abril, novembro, 1980, ano XXI, nº 251.
REVISTA MANEQUIM, São Paulo: Abril, dezembro, 1980, ano XXI, nº 252.
* Algumas dados da publicação das Revistas forem supridos devido à fatos das mesmas encontraram –se deterioradas.
LAVAR, James. **A roupa e a moda** uma história concisa. 1989, Cia das Letras.
O'HARA, Georgina. **Enciclopédia da moda**. 1989, Cia das Letras.
MURTINHO e VALENÇA, Maria Rita e Maslova Teixeira. **A moda no século XX**. 2000. Senac Nacional, Rio de Janeiro.
ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. Brasiliense, 3ª edição.
LIPOVETSKY, Gilles. **O império do efêmero**-a moda e seu destino na sociedades modernas. 1989. Cia das Letras.
RUIZ, José Mário M.. **Etiqueta: sociabilidade e moda .a** identidade da elite paulistana. 1985- 1930. Dissertação de Mestrado em História, Unesp, Assis- SP, 1999.
PEDRO, Antônio. **História da civilização ocidental integrada: geral e Brasil, 1942**. São Paulo: FTD, 1997.